

EGON SCHADEN E AS RAIZES DA ANTROPOLOGIA NO BRASIL¹

Pedro Martins, UDESC/SC
Tânia Welter, IES²/SC

RESUMO

A Antropologia institucionalizou-se como disciplina acadêmica no Brasil na década de 1940. O processo apresenta nuances próprias em diferentes regiões do país e culmina com a criação de instrumentos de divulgação da produção científica na área e na criação da sua entidade científica, a Associação Brasileira de Antropologia, na década de 1950. O trabalho detém-se sobre a trajetória de Egon Schaden, um dos pioneiros da Antropologia no Brasil e um dos responsáveis pela consolidação da cadeira de Antropologia na Universidade de São Paulo. Mais pontualmente, trata de resgatar as origens do antropólogo e explorar as idiosincrasias de sua formação científica. Filho de imigrante alemão nascido em pequena comunidade agrícola de Santa Catarina, Egon Schaden é, provavelmente, o único antropólogo brasileiro de grande destaque com origem rural. Beneficiário de uma insipiente política de ação afirmativa que lembra a trajetória inicial de Clifford Geertz, Egon Schaden rompeu a barreira de classe de sua época dedicando-se aos estudos e construindo uma exemplar carreira acadêmica. Tendo vivido entre duas culturas, a brasileira e a alemã, Egon Schaden participou diretamente da gênese da ABA e foi o responsável pela criação da Revista de Antropologia – primeiro e mais antigo instrumento de divulgação da produção antropológica no país.

Palavras-Chave: Egon Schaden; história da Antropologia; imigração alemã.

Introdução

A observação de grupos migrantes é sempre uma boa oportunidade para se aprender sobre estratégias de adaptação. A educação, em muitos casos, é um aspecto fundamental dos projetos de vida de grupos de imigrantes. Entre os imigrantes alemães do sul do Brasil este é um aspecto muito valorizado e pode ser observado a partir do resgate de diferentes experiências. Este texto parte de experiências particulares de pioneiros imigrantes alemães em São Bonifácio (SC) para resgatar trajetórias exemplares que permitem refletir sobre os processos de educação e sobre a educação como elemento do imaginário de um grupo de imigrantes em uma situação de pouca

¹ Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

² Instituto Egon Schaden, fundado em 04 de julho de 2014 com sede na cidade de São Bonifácio/SC.

afluência. A pesquisa histórico-antropológica localiza-se no marco do centenário de nascimento do antropólogo Egon Schaden, nascido em São Bonifácio em 1913, para destacar a importância do espírito empreendedor e autodidata do pioneiro imigrante Francisco Schaden - seu pai.

Egon Schaden é, provavelmente, o único antropólogo brasileiro de grande destaque de origem genuinamente rural, tanto do ponto de vista espacial quanto na perspectiva de classe. Diferentes trabalhos já abordaram aspectos importantes de sua vida e de sua obra (Durhan, 2003; Marras, 2003; Meliá, 1992; Peirano 2000; Pereira, 1994), mas o estudo da fase catarinense da sua vida, basicamente ainda por ser feito, pode contribuir de maneira significativa para a problematização da formação das elites intelectuais no país e sua relação com os problemas reais aos quais se dedicam os estudiosos das ciências humanas. Sua carreira científica, ainda não suficientemente conhecida, esteve ameaçada pela falta de oportunidade comum ao contexto de formação do país mesmo em uma área de colonização europeia.

Aqui trataremos de apresentar a trajetória de Egon Schaden vista desde Santa Catarina³, no sentido de contribuir para o conhecimento da sua origem e assim ajudar a esclarecer a natureza do seu perfil como pessoa e como antropólogo. Nas páginas que seguem, apresentaremos o contexto da colonização alemã em São Bonifácio, sua terra natal, a formação e o perfil da sua família, buscando esclarecer as possíveis influências sofridas por Egon Schaden de sua avó paterna e de seu pai, ambos chegados ao Brasil na condição de imigrantes. A trajetória do seu pai, Francisco Schaden, pode ajudar a compreender, inclusive, as escolhas temáticas feitas por Egon no decorrer de sua carreira. Na sequência, mostraremos a condição rural onde nasceu e cresceu, o destino que essa condição lhe havia desenhado e como um evento imprevisível – o inusitado mandato de Adolfo Konder como governador – acabou por alterar o curso previsível das coisas, proporcionando ao jovem Egon Schaden, que se encontrava há três anos fora da escola, uma oportunidade já não mais esperada. Este fato chama a atenção para a força da imigração alemã em Santa Catarina e para a presença da educação no imaginário desses imigrantes. A trajetória acadêmica de Egon no ensino secundário ajuda a entender também o papel de uma grande escola catarinense na reprodução dos grupos

³ Durante o levantamento documental para a pesquisa que deu origem a este texto, recebemos inestimáveis contribuições de Rosane Schaden Preuss, no município de São Bonifácio, e da direção do Colégio Catarinense, especialmente de Hivellyse Rodrigues Quint e Bruna Rosa Leal, a quem somos imensamente gratos.

de poder no estado. No momento marcado pelo centenário de nascimento de Egon Schaden, esses eventos todos são férteis fontes de reflexão.

São Bonifácio, uma colônia alemã

A terra natal de Egon Schaden, hoje município de São Bonifácio, está localizada nas encostas da Serra Geral, distante 80 quilômetros de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Trata-se de um município de pequeno porte, tendo o censo do IBGE de 2010 registrado a presença de 3008 habitantes⁴. O acesso a São Bonifácio se dá pela rodovia BR-282, que parte de Florianópolis em direção ao sul e logo sobe a encosta da Serra Geral. No município de Águas Mornas, o acesso segue pela Rodovia SC-435, que teve a pavimentação asfáltica concluída em maio de 2004. O nome do município foi inspirado no santo padroeiro da Westfália, região alemã de origem da maioria dos primeiros imigrantes.

A origem do município de São Bonifácio está ligada à criação da Colônia Teresópolis, unificada com a Colônia Santa Isabel em dezembro de 1865. Partindo da ocupação inicial do Rio Cubatão, os imigrantes instalados na Colônia Teresópolis continuaram subindo as encostas e ocuparam a região do Rio Capivari e seus afluentes, alcançando o então São Bonifácio do Capivari o privilégio de Distrito de Paz em 1918. O distrito desmembra-se de Palhoça e alcança a condição de município em 23 de agosto de 1962⁵.

As colônias mencionadas ocuparam terras de difícil acesso, habitadas originalmente por grupos indígenas nômades, onde foram assentados imigrantes católicos e luteranos provenientes, em sua maioria, da região da Renânia e Westfália, na Alemanha, além de imigrantes de diferentes regiões alemãs que já se encontravam estabelecidos em outras partes do Brasil – como nas fazendas de café em São Paulo.

A imigração alemã que dá origem a São Bonifácio insere-se no contexto das grandes migrações europeias, que tiveram início no século XIX, entre o fim das Guerras

⁴ Na verdade, o município vem perdendo população desde a década de 1970. No censo de 1980, São Bonifácio contava com uma população de 3530, caindo para 3373 em 1990 e 3218 em 2000. A emigração para estudar – quase sempre sem retorno – é apenas uma das causas da depopulação. Talvez o fenômeno mais importante nesse sentido tenha sido a *Revolução Verde* (cf. Martini & Garcia, 1987), cujas consequências ainda se fazem sentir.

⁵ A condição de Distrito de Paz é dada pela Lei Municipal de Palhoça nº 271, de 23 de setembro de 1918, enquanto a condição de município é dada pela Lei Estadual nº 840, de 23 de agosto de 1962.

Napoleônicas e o início da Primeira Guerra Mundial, e que pode também ser caracterizado como o período que vai de 1815 a 1914. Das cerca de 60 milhões de pessoas que deixaram a Europa nesse período, algo em torno de 5 milhões eram alemães, dirigindo-se, a maioria, para os Estados Unidos da América, e o restante para outros países como Canadá, Austrália, Argentina e Brasil. Dos imigrantes recebidos pelo Brasil no período de 1819 a 1947, 235.846 foram registrados, ao entrarem no país, como alemães (Jochem, 2002, p. 19)⁶.

Além das Guerras Napoleônicas, outra causa subjacente ao quadro de migrações mencionadas é a Revolução Industrial na Europa. Quando a Revolução Industrial chega à Alemanha e os teares mecânicos substituem os trabalhadores, exacerba a situação de miséria que já assolava camponeses e trabalhadores urbanos. Conforme resgate de Jochem (2002), enquanto a terra escasseava nas propriedades rurais em virtude das sucessivas partilhas por herança a cada geração, o processo de industrialização não conseguia incorporar o excesso de mão de obra, deixando a classe trabalhadora sem perspectivas de ocupação ou ascensão profissional. Nessa circunstância, a emigração de trabalhadores, tanto rurais quanto urbanos, integrava uma estratégia de Estado no sentido de reduzir toda sorte de pressão interna.

No tocante ao Brasil, na condição de país receptor das gentes emigradas, o processo também integrava uma estratégia de Estado. A colonização, do ponto de vista de Seyferth (1999), tinha o propósito de instalar no país agricultores brancos, livres e provenientes da Europa, tratando, assim, de povoar áreas ainda não ocupadas pela grande propriedade, tudo isso sob estrito controle do Estado. Essa ocupação, no entanto, em muitos casos se deu em terras previamente ocupadas por grupos indígenas, os quais passavam a ser combatidos por milícias especiais como forma de garantir a instalação e a segurança dos colonos.

O propósito dessa forma de colonização baseada no regime de pequenas propriedades e trabalho livre, na compreensão de Jochem (2002), visava, da parte do Estado, profundas mudanças sociais em curto e longo prazos, buscando compor uma classe média rural formada pelos imigrantes europeus e seus descendentes. Os alemães, no contexto da época, eram considerados hábeis agricultores, o que os credenciava para

⁶ Deve-se atentar para a imprecisão desses números uma vez que as condições de identificação eram muito precárias. Por outro lado, a identificação dos imigrantes, como alemães, refere-se à cultura e não ao Estado Nacional.

o propósito em vista que era o de povoar vazios demográficos, constituindo pequenas propriedades rurais.

Em Santa Catarina, os imigrantes alemães chegaram a partir de 1829, indo instalar-se inicialmente em São Pedro de Alcântara, na Grande Florianópolis, e, posteriormente, em outras regiões, como o Vale do Itajaí. Como desdobramento da Colônia de Teresópolis, implantada na Região da Grande Florianópolis em 3 de junho de 1860, surgiram os municípios de Águas Mornas e São Bonifácio. A primeira escola da comunidade de São Bonifácio do Capivari foi fundada em 1895, ainda na condição de escola particular ou, melhor, mantida com recursos provenientes das próprias famílias. A escola se tornou pública em 1918, ocasião em que Francisco Schaden tornou-se seu primeiro professor.

A chegada dos Schaden ao Brasil

Francisco Serafim Guilherme Schaden nasceu em Leipzig, Alemanha, em 19 de fevereiro de 1891. Contam seus descendentes que ele teve outros cinco irmãos, todos mortos em função de uma doença estranha que fez a mãe, Mathilde Verhey Schaden, desejar abandonar o país. A pequena família, composta por Franz Schaden, Mathilde e o filho Francisco, chega de navio ao Rio de Janeiro em 1910. Franz Schaden decidiu lá mesmo que não ficaria no país, regressando de imediato à Alemanha e perdendo definitivamente o contato com a família no Brasil. Dele restaram apenas algumas fotografias para atestar a veracidade de sua existência.

Francisco Schaden e sua mãe instalam-se, inicialmente, na comunidade de Leopoldina, em Minas Gerais, de onde decidiram seguir para Anitápolis e, logo depois, para Löffelscheidt (hoje município de Águas Mornas), ambas comunidades em Santa Catarina, onde chegaram em 1912.

Mathilde Verhey Schaden, segundo comprova um cartão de visitas mantido nos arquivos da família, era enfermeira formada na Alemanha. Na localidade de Löffelscheidt, logo assume as funções atinentes à sua formação. Numa circunstância marcada por inúmeras carências, a presença de uma profissional dedicada à saúde é digna de destaque. Ela é lembrada por muitas pessoas como excelente e dedicada parteira, função que exerceu até sua morte.

Francisco Schaden, que chegou da Alemanha com formação escolar própria da sua idade⁷, é logo convidado para assumir o cargo de professor na escola primária de Löffelscheidt. A partir desse contato inicial, Francisco estabelecerá uma profunda ligação com a comunidade, ligação esta que o levará, anos mais tarde, a escrever e publicar uma breve história da formação do lugar (Schaden, 1940). Nesta publicação, ele esclarece que os habitantes de Löffelscheidt eram, em sua maioria, originários da região da Renânia e constituíam-se em um povo muito extrovertido e alegre, bem diferentes dos imigrantes originários da Westfália, que ocuparam o Alto Capivari e formaram a comunidade de São Bonifácio, que eram muito sérios e carrancudos, embora os dois grupos fossem “muito eficientes”.

Em Löffelscheidt, Francisco conhece a jovem Catharina Roth, descendente de uma geração anterior de imigrantes da Renânia, com quem se casa antes de aceitar o convite para subir a serra com outros pioneiros e fundar a comunidade de São Bonifácio.

As ocupações de Francisco

Para entender a trajetória de Egon, é preciso antes compreender a trajetória de Francisco, seu pai, a partir da qual é possível perceber importantes relações causais.

Tendo se estabelecido em São Bonifácio, Francisco Schaden assumiu a responsabilidade de professor da única escola do lugar, na época ainda mantida com recursos das famílias locais. Sua vida profissional como professor, que iniciou em Löffelscheidt, em 1912, estendeu-se até 1938 – quando foi aposentado compulsoriamente, segundo Jochem (1992)⁸, e passou a se dedicar com empenho a diferentes atividades científicas.

Paralelamente à sua atividade como professor na escola de São Bonifácio Francisco Schaden atuou como organizador comunitário e ativista pela emancipação política de sua comunidade. Defendeu a criação do Distrito de São Bonifácio e foi seu primeiro intendente distrital. Defendeu, também, a criação do cartório local e foi seu

⁷ Podemos supor que, aos 19 anos, Francisco Schaden teria recebido formação equivalente ao ensino secundário, caso lhe tenha sido propiciado estudar até esse nível.

⁸ Na condição de alemão, informa este autor, Francisco Schaden teria sido vítima de atos discricionários por parte do Estado brasileiro, impetrados contra alemães no Brasil desde o início da Segunda Guerra Mundial. No caso dos professores, a nacionalização do ensino, determinada pelo Estado Novo, obrigava a substituição dos alemães por brasileiros já muito antes da guerra.

primeiro escrivão. Sua qualificação escolar diferenciada e a limitação, nesse sentido, da maior parte dos seus conterrâneos, fez com que exercesse os novos cargos criados. Atuou no movimento pela construção da estrada de rodagem que ligava São Bonifácio a Florianópolis. Foi botânico autodidata. Estudava as plantas com o propósito de ensinar sobre elas, mas também com o objetivo prático de produzir remédios naturais com os quais atendia seus conterrâneos. Organizou uma coleção de objetos que mostra a cultura material dos indígenas da região, em sua época ainda não completamente extintos. Voluntariamente, organizou curso noturno de alfabetização de adultos décadas antes de essa atividade se tornar uma preocupação do poder público.

O aprendizado de línguas foi outra preocupação constante na vida do pioneiro Francisco Schaden. Além do português e do alemão (idiomas pátrios), possuía bons conhecimentos de francês e latim, e havia estudado as línguas internacionais esperanto, ido e volopük. Seu interesse pelo esperanto é confirmado por Pauli (2002), ao fazer um apanhado da história dessa língua em Santa Catarina para o Congresso Universal do Esperanto (Fortaleza, 2002), quando registra como documento mais antigo sobre o tema no estado um trabalho inédito de Francisco Schaden⁹. São notórios, ainda, seus conhecimentos de línguas indígenas, os quais o levaram a escrever uma gramática e um dicionário tupi, um dicionário xoklém e a ter documentado a língua kaingang.

Os manuscritos deixados por Francisco Schaden, guardados atualmente no museu que leva seu nome, dão conta de que dominou perfeitamente a língua portuguesa a despeito de ter chegado ao Brasil já adulto e com formação escolar concluída na Alemanha.

Francisco Schaden deixou uma produção científica considerável, ainda que não se possa estabelecer uma unidade de gênero entre os diversos materiais disponíveis. Iniciou a publicação de textos em jornais antes mesmo da Primeira Guerra Mundial. Sua estreia provavelmente teria ocorrido no jornal curitibano *Der Kompass*, atividade que continuou no jornal *Die Rundschau*, de Brusque, e na *Revista Pindorama* – da qual foi coeditor –, fundada em São Paulo por Egon Schaden com o propósito de partilhar temas brasileiros com leitores alemães. O primeiro número da *Revista Pindorama* foi lançado em 1937, o que mostra que a colaboração científica entre pai e filho começou cedo.

⁹ “Apontamentos para a história do Esperanto em Santa Catarina”. O manuscrito deste texto compõe o acervo do Museu Francisco Schaden, em São Bonifácio.

Após sua aposentadoria, dedica-se mais fortemente à produção escrita registrando colaborações com o jornal *O Estado de São Paulo*, com as revistas *Sociologia*, *Boletim Bibliográfico* e a *Revista do Arquivo Municipal*, todos de São Paulo, além da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina* e da *Atualidade*, ambas de Florianópolis, e outros jornais também de Florianópolis. Parte dessa produção vai compor uma coletânea organizada e editada por Egon Schaden (1963).

Merecem destaque, como trabalhos científicos, dois artigos de sua autoria sobre a questão indígena, publicados na *Revista de Antropologia* (Schaden, 1953 e 1958), na época dirigida por Egon Schaden. Santos (2006, p. 25) qualifica tais artigos como “exemplos marcantes” de resultados da pesquisa antropológica em Santa Catarina. O artigo de 1958 foi reeditado em coletânea organizada por Egon Schaden (1972), que teve uma segunda edição em 1977. Na mesma linha, apareceu o trabalho apresentado ao *IX Congresso Brasileiro de Geografia*, publicado como separata dos anais do evento (Schaden, 1940), abordando a história de São Bonifácio e outros relatos pitorescos. Francisco Schaden iria ainda colaborar na coleta de dados etnográficos para obra de Emílio Willems (Willems, 1980)¹⁰, a qual retrata o processo de integração dos imigrantes alemães no Brasil a partir da teoria da aculturação.

Embora fosse basicamente um agricultor que também exercia atividades letradas, Francisco construiu em torno de si um ambiente intelectual que influenciou profundamente seu filho mais velho.

Este perfil de Francisco Schaden, profundamente marcado pelo autodidatismo, parece ser decisivo na formação intelectual precoce de Egon e também na criação de uma atitude de resistência frente às adversidades colocadas em seu caminho.

A família Schaden

Francisco Schaden e Catharina Roth Schaden tiveram onze filhos: Egon Francisco Willibald; Godwin Francisco Twisko; Eleonora Catharina Maria; Elmar Francisco José; Mathilda Catharina Maria; Thecla Catharina Olindina; Inocência

¹⁰ Trata-se, neste caso, da segunda edição da obra. A primeira edição é datada de 1946. Em outro trabalho (Martins e Welter, 2012), buscamos demonstrar a formação de uma rede de colaboração envolvendo Egon, Francisco e Willems.

Catharina Maria; Francisco Vicente Ingo; Balduino Francisco José; Siegfried Francisco Wunibaldo e Luzia Catharina Adelina¹¹.

O filho mais velho do casal, Egon Schaden, nasceu em 4 de julho de 1913. Do pai, recebeu inúmeras influências, as quais foram definitivas para orientar toda a sua trajetória futura, especialmente a sua opção pela temática indígena, como afirma em carta datada de 15 de outubro de 1970 transcrita no livro tomo da Igreja Matriz de São Bonifácio.

Na escola pública local, onde Francisco lecionava desde sua instalação, Egon cursa os quatro anos do ensino primário e mais um ano conhecido como complementar. O complementar era, na verdade, uma forma de reforçar a formação escolar dos alunos que, via de regra, encerravam ali sua carreira acadêmica.

Além da influência recebida do pai na condição de professor, Egon foi influenciado pela relação de Francisco com a questão indígena. Por essa época, ainda perambulavam pela região bandos de índios Xoklém com os quais Francisco interagiu em diferentes circunstâncias. Dessa interação ficou uma coleção de diferentes artefatos coletados por Francisco, que hoje integram o Museu de São Bonifácio. Conta-se que Francisco, em uma determinada ocasião, foi chamado para interferir em um episódio envolvendo atrito entre um grupo de indígenas e homens brancos, onde se acreditava que os indígenas necessitavam de ajuda. Como era de seu costume, Francisco dirigiu-se ao local do atrito levando Egon em sua companhia. Lá chegando, não encontraram os homens brancos, mas apenas os indígenas – todos mortos e com as orelhas decepadas. Esta prática está amplamente registrada na literatura e caracterizava a maneira empregada pelos bugreiros para documentar a morte de indígenas como condição para receberem o pagamento relacionado ao serviço encomendado por grupos de interesse.

Este relato nos foi apresentado por um informante que não era testemunha ocular dos fatos, tendo tomado conhecimento através de narrativas posteriores. Corroborar, no entanto, a narrativa o texto em que Santos (2003) refere-se à atividade dos bugreiros na região. Segundo este autor, o mais famoso de todos os bugreiros foi Martinho Marcelino de Jesus, conhecido como Martinho Bugreiro. Nascido em Bom Retiro (SC) em 1869, Martinho Bugreiro atuou na região do entorno de São Bonifácio, a serviço do agrimensor Carlos Miguel Koerich, no período de 1923 a 1928. Este registro torna plausível tanto o massacre de índios Xoklém desgarrados nas proximidades de São

¹¹ Em maio de 2014, Thecla e Luzia são os únicos vivos.

Bonifácio nessa época quanto a presença de Egon Schaden no local do massacre acompanhando o pai.

Outra influência de Francisco registrada sobre a formação intelectual de Egon está relacionada com a Sociedade de Esperanto. Conforme já registrado, Francisco foi um dos pioneiros no estudo dessa língua em Santa Catarina e o próprio Egon, já na sua vida acadêmica em São Paulo, publicará um artigo a respeito. Em um registro fotográfico da Sociedade de Esperanto, não fica claro se de São Bonifácio ou de abrangência mais ampla, Egon aparece solene ao lado da mãe, partilhando o registro também com o pai e outros adultos integrantes da sociedade. Egon é a única criança presente na foto e tinha 7 anos de idade na ocasião.

Fora da escola

O *curriculum vitae* de Egon Schaden, organizado por ele próprio em 1973, traz uma lacuna a princípio difícil de ser compreendida. Ele registra que realizou os cursos primário e complementar na escola pública de sua localidade natal nos anos de 1920 a 1924. Em seguida, registra que cursou o secundário no Ginásio Catarinense, em Florianópolis, nos anos de 1928 a 1932.

Os anos de 1925 a 1927 estão, portanto, sem nenhum registro de atividade acadêmica. A família, aparentemente, já havia se acostumado à ideia de que as possibilidades de frequentar a escola, para alguém nascido em São Bonifácio, terminavam com o curso complementar.

Como relata Egon Schaden em depoimento (Schaden, 1970), Francisco ressentia-se por não ter estudado na escola formal até os níveis mais elevados – para os quais era, seguramente, qualificado. Entendia ele que o destino dos filhos seria o mesmo uma vez que a sua condição de agricultor, embora exercesse a profissão de professor, não lhe permitiria enviar os filhos para escolas caras. Dessa maneira, dedicava-se intensamente à educação dos filhos lançando mão dos seus recursos de autodidata. O maior beneficiário desse esforço, sem dúvida, foi o filho mais velho, Egon. Assim, Francisco tratou desde cedo de incutir no garoto o gosto pelo aprendizado de tudo o que pudesse ser aprendido. Além de estimular-lhe o aprendizado de diferentes línguas, instigava-o em direção à astronomia, botânica e antropologia. Nasce seguramente daí a vocação antropológica do filho que, contornando o prejuízo causado por três anos fora da escola, destaca-se entre todos os seus colegas de colégio quando a oportunidade de

estudar se apresenta e o conduz diretamente à universidade e à carreira acadêmica de destaque internacional.

A escola mais próxima, para continuar os estudos, localizava-se em Florianópolis, a 80 quilômetros de distância ou três a quatro dias de viagem. Isso, no entanto, não seria nenhum obstáculo para o intrépido Egon. O verdadeiro obstáculo, intransponível na época, é que o Ginásio Catarinense, dirigido pelos padres jesuítas, era uma instituição de ensino privada inacessível para os padrões de renda de uma família de agricultores – ainda que contassem providencialmente com um salário de professor de primário.

Adolfo Konder, um evento

Corria o ano de 1927 (o terceiro ano consecutivo em que Egon não frequentava a escola). Viviam, ele e a família, essa situação como fato consumado, dividindo o tempo entre as atividades intelectuais capitaneadas pelo pai e as lidas na agricultura lideradas pela mãe, que, de fato, garantiam o sustento do grupo. Em um dia chuvoso naquela região isolada e montanhosa, a pequena localidade, na época ainda distrito de Palhoça, recebeu a visita do Dr. Adolfo Konder, governador do estado de Santa Catarina. Adolfo Konder buscou abrigo e pouso na residência da maior autoridade local, o professor Francisco Schaden, que também era intendente distrital. Na propriedade dos Schaden, relatam os familiares, enquanto o governador se acomoda junto ao fogão a lenha da pequena cozinha, Francisco pede ao filho mais velho que recomponha os sapatos do ilustre visitante. Os sapatos estavam enlameados, pois o governador havia percorrido a longa e sinuosa estrada de acesso à localidade montado em um cavalo. Enquanto recebe a hospitalidade do dono da casa, Adolfo Konder estabelece comunicação com o garoto que limpa os sapatos e logo se encanta com a sua facilidade de comunicação e maturidade intelectual.

Ao arguir o dono da casa sobre a escolaridade do garoto, o governador fica desolado ao inteirar-se da situação educacional do menino Egon e logo lhe promete uma bolsa de estudos. Os informantes, em São Bonifácio, apresentam dúvidas acerca dos pormenores desse fato. Alguns chegam a propor a hipótese de que o governador financiou a bolsa com recursos próprios, mas o fato é que a abordagem do problema, por parte de Adolfo Konder, era bem mais complexa.

Os motivos de Adolfo Konder

Adolfo Konder nasceu em Itajaí, distante cem quilômetros ao norte de Florianópolis, em 16 de fevereiro de 1884. Era filho de Marcus Konder, imigrante alemão nascido em Trier – lugar de onde também vieram alguns dos colonos de São Bonifácio. Depois de formar-se em Direito, em São Paulo, Adolfo Konder participou ativamente da vida política nacional e estadual. Foi governador de Santa Catarina de 1926 a 1930, embora nessa época esse cargo ainda tivesse o nome de presidente. Em 1929, empreendeu uma viagem através do estado de Santa Catarina, partindo de Florianópolis, no litoral, e atingindo o extremo oeste, na fronteira com a Argentina. Essa viagem, empreendida no período de 24 de abril a 16 de maio de 1929, ficou conhecida como a Bandeira Konder. Pela primeira vez, desde que a fronteira do estado havia sido fixada nos limites da Argentina, em 1850, um governador visitava a região (D’Eça, 1992).

Na sua mensagem de início de legislatura, em 11 de agosto de 1929 (Konder, 1929), Adolfo Konder dedica dez páginas a relatar a situação da educação no estado no período anterior. Ao registrar informações relativas à “bandeira”, manifesta consternação com o estado da educação pública na fronteira com a Argentina (D’Eça, 1992: 72). Entendia ele que a ausência da escola matava o talento e a própria cidadania. O governador entendia que a escola estava intrinsecamente ligada ao processo de formação da cidadania. Sem a presença e a força do Estado, a educação e, conseqüentemente, a cidadania não poderiam prosperar. Quase como um ato simbólico fundou, na ocasião, uma escola na localidade de Dionísio Cerqueira e nomeou para ela um professor. Em um tópico específico da mensagem referente ao Gimnasio Catharinense, de Florianópolis, explicava ele que dos 302 alunos matriculados 25 recebiam educação gratuita no estabelecimento, sendo indicados pelo Governo do Estado¹². O colégio, para abrigar esses bolsistas, recebeu do Governo do Estado uma subvenção de 30:000\$000 (trinta contos de réis). Dos 25 bolsistas, cinco eram alunos internos – um dos quais, depreende-se, era Egon Schaden.

¹² Essa postura do governo está em acordo com a interpretação de Anísio Teixeira acerca da estrutura da educação no Brasil nas décadas de 1920 e 1930. Na opinião de Teixeira (1976), o sistema escolar da época tratava de garantir a demanda da sociedade por educação sem, no entanto, alterar a estrutura social.

Egon e o Gymnasio Catharinense

Após a visita de Adolfo Konder a São Bonifácio, em 1927, a vida de Egon Schaden tomaria definitivamente outro rumo. O menino, acostumado às lidas da roça, enfrentaria o desafio de cursar uma escola voltada para a reprodução dos altos conhecimentos acumulados pela civilização.

Na já citada mensagem de Adolfo Konder à Assembleia Legislativa, em 1929, o governador esclarece que o Ginásio Catarinense possuía um corpo docente de primeira ordem, composto por quinze sacerdotes jesuítas e seis professores leigos. Além disso, o colégio possuía, segundo a mensagem, as mais adequadas instalações para o ensino de todas as especialidades, instalações portadoras de qualidades capazes de honrar as mais altas exigências do estado e do país.

Nessa instituição, Egon Schaden passaria cinco anos da sua vida em regime de internato e de lá sairia preparado para integrar a elite intelectual do país.

O Ginásio Catarinense foi o principal instrumento de reprodução intelectual da elite de Santa Catarina na Primeira República e isso não aconteceu por acaso. Segundo relata Dallabrida (2001: 40), essa condição foi alcançada a partir do momento em que o colégio foi colocado sob a tutela da ordem religiosa dos jesuítas. O Ginásio Catarinense havia sido criado em 1892 pela primeira reforma educacional republicana, com o objetivo de dotar a capital do estado de ensino secundário permanente – uma vez que as iniciativas anteriores, inclusive as da Companhia de Jesus, tiveram vida efêmera. A sua existência como escola pública, no entanto, foi também efêmera, pois acordos realizados entre o governo estadual e a Companhia de Jesus o transformaram em escola privada a partir de 1905. Funcionando na condição de internato e externato, o colégio possibilitava a permanência de estudantes de diferentes partes do estado bem como de outros estados, atraindo pela qualidade da educação os rebentos das mais importantes famílias catarinenses.

Em 3 de março de 1928, Egon Schaden, então com 14 anos, requer a sua matrícula no primeiro ano do ensino secundário, beneficiado que era pela bolsa a ele atribuída por Adolfo Konder. Logo nesse seu primeiro ano no Ginásio Catarinense, Egon é distinguido com o segundo lugar no prêmio de excelência. Alcança 392 pontos de um total de 440 possíveis. O primeiro colocado, Moacyr Gaya, alcançou 395. Moacyr Gaya, no entanto, passaria o resto do tempo do colégio sem lograr outro prêmio de excelência, embora continuasse, via de regra, entre os primeiros da turma (menção

honrosa). Nesse ano, nas matérias individuais, Egon tirou o primeiro lugar em religião, francês e inglês. Nas demais disciplinas, ficou entre os primeiros, exceto em desenho.

No segundo ano, em 1929, ganhou o primeiro prêmio de excelência, conquistando 387 dos 440 pontos. Nas disciplinas individuais, foi o primeiro colocado em religião e alemão, ficando entre os primeiros nas demais disciplinas, exceto em desenho.

Em 1930, ele cursou o terceiro ano com aproveitamento de 436 pontos em 480. Ganhou novamente o primeiro lugar geral e obteve o primeiro nas disciplinas de religião, português, francês, latim, alemão e inglês, ficando entre os primeiros nas demais disciplinas, ou seja, em álgebra, história universal e, inclusive, desenho. Destaca-se, nesse ano, o pendor para línguas. Além destas mencionadas, Egon falará fluentemente o guarani e o espanhol.

O quarto ano transcorreu aparentemente da mesma maneira. Egon recebeu o prêmio de excelência como o primeiro da turma, conquistando 1175 de 1340 pontos. Foi o primeiro colocado da turma em português, inglês, alemão, física, química, história natural e religião, além de ficar entre os primeiros em todas as demais disciplinas. O Colégio Catarinense guarda em seus arquivos a foto de turma produzida naquele final de 1931. Egon aparece sentado à esquerda do padre Godofredo Schrader e é o único aluno da turma vestindo o uniforme do colégio enquanto os demais vestem ternos.

Chega ao final 1932, o ano em que Egon Schaden conclui sua passagem pelo Ginásio Catarinense. Como de costume, é o melhor aluno da turma, recebendo também o prêmio de excelência acadêmica. Alcança 1049 dos 1120 pontos possíveis.

Na passagem do centenário de fundação do colégio, a administração do Colégio Catarinense confeccionou uma série de painéis que lembram a sua história e nos quais homenageia alguns de seus ex-alunos. Como consequência de seu desempenho escolar, Egon é homenageado em um dos painéis, instalado no pátio em frente à biblioteca, por ter sido contemplado com o prêmio de excelência nos cinco anos consecutivos em que frequentou o colégio. Na entrada do colégio, há outro painel onde são lembrados uma dezena de governadores de Santa Catarina que também por lá passaram, o que dá razão a Dallabrida (2001) quando afirma ter sido esse colégio uma verdadeira fábrica escolar de produção da elite do estado – especialmente durante a Primeira República. A passagem de Egon Schaden por esse colégio decorre, portanto, de uma incipiente política de ação afirmativa que faz lembrar o relato de Geertz (2001) sobre sua própria experiência de iniciação científica.

A carreira

A proeza de ser o melhor aluno de sua turma durante todo o curso secundário é atribuída por Egon Schaden ao estímulo do próprio pai. Afirma ele que “[...] durante as férias me fazia, na medida em que pudesse dar-me ajuda, estudar antecipadamente uma parte dos programas curriculares que se iriam desenvolver no ano letivo seguinte” (1970). Além de dominar profundamente as disciplinas das áreas de ciências humanas e exatas, dominou com esmero as diferentes línguas com as quais teve contato: latim, francês, inglês, alemão, espanhol e o próprio português. Mais tarde se destacaria também pelo domínio do guarani, o qual falava com desembaraço, e outras línguas nativas. Este aprendizado de línguas marcou especialmente a sua formação e a sua carreira. Para Antônio Cândido¹³, que com ele conviveu por muito tempo, “*Egon Schaden era um homem bilíngue, entre duas culturas*”. Em texto de conferência proferida em 1954, publicada em 1955 e republicada em 2013 (Schaden, 2013), onde realiza um inventário dos estudos sobre a questão indígena no Brasil, chama a atenção a erudição do texto e a desenvoltura com que dialoga, pessoalmente ou por intermédio da produção bibliográfica, com diferentes autores estrangeiros como Claude Lévi-Strauss, Juan Comas, George Murdock e Karl von den Steinen – sabendo-se que este diálogo acontece na língua nativa dos respectivos interlocutores.

Formado com destaque no ensino secundário, em 1933, aos 19 anos de idade, Egon Schaden chega a São Paulo. Em março daquele ano inicia sua vida profissional como professor de primário em uma escola da grande São Paulo. É o que conta à sua avó, Mathilde Verhey Schaden, a quem tratava carinhosamente por *Liebe Gros Mota*, querida vovó, em carta datada de 31 de março de 1933. Já nessa época estava matriculado na Faculdade Paulista de Letras e Filosofia onde cursaria os dois primeiros anos do ensino superior. Logo iria transferir-se para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, criada em 1934, onde se formaria em 1937. Nesse mesmo ano publicou sua *Pequena Gramática da Língua Alemã* (1937), livro didático baseado em sua própria experiência de ensino da língua, por uma grande editora nacional.

¹³ Entrevista concedida a Pedro Martins, em São Paulo, no dia 13 de junho de 2013.

Na Universidade de São Paulo realizou também seus estudos de pós-graduação tendo escrito, sucessivamente, três teses (1945, 1954 e 1965): de doutorado (A Mitologia Heroica das Tribos Indígenas do Brasil), de livre docência (Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani) e de cátedra (Aculturação Indígena), todas abordando a questão indígena no Brasil. Além das três teses publicou duas importantes coletâneas de textos científicos destinadas a auxiliar no ensino da Antropologia (1972 e 1976), uma obra em parceria com Gioconda Mussolini (1947) e uma centena de artigos em revistas de diferentes países.

Iniciou sua vida profissional na Universidade de São Paulo como assistente do professor Emílio Willems, de quem foi aluno de doutorado. Quando em 1949 Emílio Willems, responsável pela criação da disciplina de antropologia, decidiu transferir-se para os Estados Unidos, indo lecionar na Vanderbilt University, em Nashville, Egon Schaden assumiu seu lugar e consolidou a implantação desta disciplina na USP. Dialogou com Herbert Baldus, grande cientista alemão estabelecido na Escola Paulista de Sociologia e Política, e com Kurt Nimuendaju, outro alemão dedicado às questões indígenas no Brasil.

No exercício de suas funções de Professor e pesquisador da Universidade de São Paulo, criou, em 1953, a Revista de Antropologia, a primeira publicação do gênero no país, a qual dirigiu por 20 anos e onde publicou um grande número de artigos sobre a questão indígena e outros importantes temas de pesquisa. A importância da revista é atestada por todos os especialistas da área e pelo fato de ser a mais antiga publicação na área de Antropologia a circular no Brasil. Egon Schaden não apenas editava a revista, mas fazia dela um imprescindível instrumento de divulgação da pesquisa antropológica levada a cabo no país.

Egon Schaden ajudou a criar, em 1955, a Associação Brasileira de Antropologia – ABA, em cuja direção esteve envolvido em muitas ocasiões. A Revista de Antropologia era, durante o período em que esteve à sua frente, o órgão oficial de comunicação da ABA e prestou importante serviço na articulação dos antropólogos brasileiros e na sua relação com a comunidade internacional de antropologia. Sobre a revista e sua ligação com a ABA, assim se manifesta Durhan:

Foi, na verdade, para a época, uma obra heróica. Revistas eram fundadas com muita frequência mas a maioria se restringia ao primeiro número e raramente sobreviviam por três ou quatro anos. Foi por isso, por muitos e muitos anos, não só o principal, mas, o único veículo de

divulgação de nossa produção antropológica e de acesso, pelas resenhas, ao que estava sendo publicado no exterior. Foi também a primeira e, por muito tempo, a única publicação regular no campo das ciências sociais. Além disso, ela produziu uma documentação fundamental sobre a nossa história antropológica, pois noticiava detalhadamente todas as reuniões da Associação, assim como os congressos que tinham lugar no Brasil e nos países vizinhos (2003, p. 362).

Em 1967 aposentou-se do cargo de professor no Departamento de Antropologia. Nos anos seguintes circulou por uma dezena de países como professor visitante. Quando retornou, em 1973, foi contratado pela Escola de Comunicação e Artes da USP onde criou a cadeira de Antropologia da Comunicação iniciando, assim, o desbravamento de um novo campo de conhecimento.

Nas palavras de Antônio Cândido, Egon Schaden “foi um dos mais importantes antropólogos brasileiros e, no âmbito da USP, [...] ele foi quem deu início propriamente à Antropologia que se pode realmente chamar de científica de acordo com os métodos modernos”.

Egon Schaden foi aposentado compulsoriamente em 1983, ao completar 70 anos de idade, encerrando assim sua atividade profissional na USP. Foi casado, desde 1939, com Margarida Salf, com quem teve três filhos: Reimar, Érica e Marina.

Relações familiares

Em carta datada de 31 de março de 1933, faltando ainda mais de três meses para completar 20 anos de idade, Egon informa à avó paterna, Mathilde Verhey Schaden, que se encontrava lecionando em uma escola primária de São Paulo, onde era responsável por duas turmas com cerca de sessenta crianças cada, e que frequentava a Faculdade Paulista de Letras e Filosofia.

O conteúdo da carta, escrita em alemão, dá testemunho da forte relação que mantinha com a avó, da mesma forma que a relação que mantinha com o pai¹⁴.

A partir desse ponto, seu contato pessoal com a terra natal vai tornar-se sempre mais escasso, em virtude da distância, mas sua presença junto à família jamais foi interrompida.

¹⁴ Agradecemos a valiosa contribuição de Mareli Eliana Graupe na providencial tradução da referida carta para o idioma português.

Seu contato com Francisco Schaden, no entanto, tornou-se cada vez mais forte uma vez que a formação científica de Egon possibilitou uma parceria que se estendeu por muito tempo, sendo esta a responsável por parte significativa da divulgação científica da obra de Francisco Schaden.

Mesmo de longe, Egon continuou preocupado com o futuro dos irmãos mais novos e do resto da família, como bem demonstra a farta correspondência trocada com a avó e o pai, mas seu afastamento da terra natal nem sempre foi adequadamente compreendido.

Considerações finais

Do ponto de vista do grande público, o público naturalmente especializado que conhece Egon Schaden fora de sua cidade natal, Egon é mais um daqueles alemães com quem interagiu durante sua vida profissional na universidade, especialmente na Universidade de São Paulo: Herbert Baldus, Emílio Willems e Curt Nimuendaju, principalmente¹⁵.

Por esta razão diferentes antropólogos em Santa Catarina têm tomado a iniciativa de resgatar o pertencimento de Egon Schaden ao estado, até agora sem muito sucesso. Seu centenário de nascimento foi visto como uma nova oportunidade de socializar e divulgar sua produção científica e levar seus feitos ao conhecimento do povo catarinense, ocasião em que tiveram lugar diferentes iniciativas. Um exemplo de iniciativa neste sentido foi a realização do *Seminário Cem Anos de Egon Schaden*, que teve lugar em julho de 2013, na cidade de São Bonifácio, e reuniu grandes nomes da antropologia brasileira para reafirmar a importância de sua obra.

Outra iniciativa importante consiste no esforço realizado para repatriar sua biblioteca pessoal e, com ela, possivelmente, um rico acervo de material de pesquisa como seus diários de campo e materiais diversos – conjunto de elementos já conhecidos como Arquivo Egon Schaden. Esta iniciativa está sendo levada a cabo pela própria família Schaden que já obteve sucesso no resgate de quantidade considerável de material, em sua maior parte livros, já alojado em São Bonifácio. Para administrar este acervo, dinamiza-lo e amplia-lo foi criado o Instituto Egon Schade – IES, organização

¹⁵ Nesse sentido, vale a pena conferir o trabalho de Passador (2002) em que resgata o universo compartilhado por esse quarteto “alemão”.

não governamental que tem por objetivo imediato dotar o arquivo de instalações adequadas bem como criar um espaço institucional de valorização do seu acervo e sua disponibilização para a pesquisa científica.

Vale acrescentar que a história de vida de Francisco e Egon Schaden representa com folga aquilo que estamos chamando de trajetórias exemplares. No intento de refletir sobre o papel da educação no imaginário dos imigrantes, a educação como catalizador do processo civilizatório, as trajetórias exemplares de Francisco e Egon Schaden nos mostram claramente um caminho para a pesquisa indicando que essas trajetórias são exemplares não no sentido de servirem de modelo para a ação, mas no sentido de representarem possibilidades concretas de superação viabilizadas pelo imaginário do pioneirismo. É neste sentido que imaginamos também as trajetórias de Francisco e Egon Schaden contribuindo para o resgate das raízes da Antropologia no Brasil.

Referências bibliográficas

- DALLABRIDA, Norberto. **A Fabricação Escolar das Elites. O Ginásio Catariense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- D'EÇA, Othon Gama. **Aos Espanhóis Confinantes**. Florianópolis: EdUFSC, 1992.
- DURHAN, Eunice R. Depoimento. **Revista de Antropologia** (São Paulo), v. 46, n. 2, p. 361-3, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **Nova Luz Sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- JOCHEM, Toni Vidal. Professor Francisco Schaden. **Revista Ágora** (Florianópolis) ano VII, n. 15, p. 16-19, 1992.
- JOCHEM, Toni Vidal. **A Formação da Colônia Teresópolis e a Atuação da Igreja Católica (1860-1910)**. Dissertação de mestrado - História/UFSC. Florianópolis, 2002.
- KONDER, Adolfo. **Mensagem à Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, 1929.
- MARRAS, Stélio. Pessoa e instituição – entrevista com João Batista Borges Pereira. **Revista de Antropologia v. 46, n. 2**, p. 319-45, 2003.
- MARTINI, George & GARCIA, Ronaldo (orgs.). **Os Impactos Sociais da Modernização Agrícola**. São Paulo: Caetés, 1987.
- MARTINS, Pedro & WELTER, Tânia. Antropologia e pioneirismo: Francisco e Egon Schaden no imaginário de São Bonifácio (SC). **Revista USP** (São Paulo), v. 92, p. 201-9, fev. 2012.
- MEL IÁ, S.J., Bartomeu. Egon Schaden: um nome na etnologia Guarani. **Revista USP** (São Paulo), n. 13, p. 74-7, mar.-mai./1992.
- PAULI, Evaldo. Esperanto em Santa Catarina. **Congresso Universal de Esperanto** (Fortaleza), 2002.

- PASSADOR, Luiz Henrique. **Herbert Baldus e a Antropologia no Brasil**. Dissertação de mestrado – Antropologia/ Unicamp. Campinas, 2002.
- PEIRANO, Marisa G. S. A antropologia como ciência social no Brasil. **Etnográfica** (Lisboa), v. iv, n. 2, p. 219-32, 2000.
- PEREIRA, João Batista Borges. Emílio Willems e Egon Schaden na história da Antropologia. **Estudos Avançados** (São Paulo), 8(22), p. 249-53, 1994.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. Encontros de estranhos além do “mar oceano”. **Etnográfica** (Lisboa), vol. VII (2), p. 431-48, 2003.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. “A antropologia em Santa Catarina” in: **Memória da Antropologia no Sul do Brasil**. Florianópolis: EdUFSC/ABA, 2006, p. 14-77.
- SCHADEN, Egon. **Pequena Gramática Alemã**. São Paulo: Saraiva, 1937.
- SCHADEN, Egon. **A Mitologia Heróica de Tribos Indígenas do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1945.
- SCHADEN, Egon. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. São Paulo: EPU; EDUSP, 1954.
- SCHADEN, Egon. Aculturação indígena. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 13, 1965.
- SCHADEN, Egon. **Carta ao Padre Sebastião Antônio van Lieshout, SSCC**, transcrita no Livro Tombo da Igreja Matriz de São Bonifácio, 15.10.1970.
- SCHADEN, Egon. Problemas fundamentais e estado atual das pesquisas sobre os índios do Brasil. **Plural** (São Paulo) n. 20.2, p. 177-88, 2013.
- SCHADEN, Egon (org.). **Homem, Cultura e Sociedade no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- SCHADEN, Egon (org.). **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- SCHADEN, Egon; MUSSOLINE, Gioconda. **Trajes e Povos da América Latina**. São Paulo: Melhoramentos, 1947.
- SCHADEN, Francisco. Notas sobre a localidade de São Bonifácio. **IX Congresso Brasileiro de Geografia**, Florianópolis, 1940.
- SCHADEN, Francisco. A pacificação e a aculturação dos Xoklém. **Revista de Antropologia** (São Paulo), vol. 1, n. 2, p. 136-9, dez. 1953.
- SCHADEN, Francisco. Xoklém e Kaingáng. **Revista de Antropologia** (São Paulo), vol. 6, n. 2, p. 105-12, dez. 1958.
- SCHADEN, Francisco. **Índios, Caboclos e Colonos**. São Paulo: FFLCH-USP, 1963.
- SEYFERTH, Giralda. “A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito” in: FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**. São Paulo: Edusp, 1999, p. 273-313.
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- WILLEMS, Emílio. **A Aculturação dos Alemães no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1980.